

**Equipas de Nossa Senhora**  
**Fátima, 3 de Novembro de 2013**

**Conferência do Pe. Paul-Dominique Marcovits, o.p.**  
**Postulador da causa do Pe. Caffarel**

## **O Pe. Henri Caffarel**

Caros amigos,

Tiveram a gentileza de me convidar para o vosso encontro, e é para mim uma alegria fraterna estar convosco. Permitam-me que acrescente que é também uma honra e uma grande graça falar em Fátima, onde a luz da Virgem Maria é tão radiosa e tão reconfortante. Que Nossa Senhora de Fátima se digne ajudar-nos a servir a Igreja!

Os anteriores responsáveis da Supra-Região de Portugal, Isabel e Paulo Amaral, a quem sucedem a Margarida e o João Mendes, pediram-me que abordasse três assuntos:

- A vida e a obra do Pe. Caffarel a partir da minha perspectiva
- O desenrolar do processo de beatificação do Pe. Caffarel
- Algumas histórias interessantes...

### **I. A vida e a obra do Pe. Caffarel**

Falemos em primeiro lugar da vida e da obra do Pe. Caffarel. Não me foi pedido que vos contasse todo o percurso do fundador das Equipas de Nossa Senhora, mas que vos dissesse o que penso. Como postulador da sua causa de beatificação, é verdade que me encontro muitas vezes com o nosso fundador...

**1.** A primeira coisa a dizer-vos é que a **sua vocação** não pára de me fascinar. Toda a pessoa de Caffarel se encontra naqueles primeiros e breves instantes. Eis o relato que ele faz desse encontro com o Senhor, em Março de 1923: «Aos 20 anos, Jesus Cristo, de repente, tornou-Se alguém para mim. Mas não foi nada de espectacular. Nesse longínquo dia de Março, fiquei a saber que era amado e que amava, e que, daí em diante, a minha relação com ele seria para toda a vida. Tudo estava jogado» (Jean Allemand, *Henri Caffarel, um homem cativado por Deus*, Lucerna, 2007, p. 18). Todos conhecemos este texto: ele é essencial para se compreender o Pe. Caffarel. Quando pela primeira vez li este relato, pareceu-me que ele estava ali na plena luz da sua vida.

Poderíamos lembrar-nos da vocação de Isaías no Templo de Jerusalém, experiência soberba que fará dele o profeta da majestade de Deus, da salvação para Israel e para todos os povos. Outra vocação: a de Paulo. Na estrada de Damasco, vê Jesus ressuscitado! Tudo nele é abalado. Paulo ficará toda a vida fascinado por Jesus ressuscitado, e não falará senão do Senhor! A sua vida é Cristo, Aquele que o encontrou na estrada de Damasco. Vai então ser o apóstolo dos gentios.

A forma de Deus agir em nós é a mesma: quando chama alguém, fá-lo em linguagem adaptada à pessoa, mas também mostra o caminho a seguir. É assim com todos nós... e com o Pe. Caffarel.

Aquela experiência de Março de 1923 ilumina toda a sua vida. «Fiquei a saber que era amado e que amava»: não há nenhuma hesitação nesta certeza do amor, nenhuma expectativa, tudo é dado, ele é amado, ele ama! «É para toda a vida!». É para toda a vida, mas esse amor vai mergulhar até às raízes do seu ser, nos tempos da terra e nos tempos da eternidade! Quando, mais tarde, alguns casais vão procurar a sua ajuda, ele poderá escutá-los na profundidade do amor deles e falar-lhes do amor: ele tem a experiência do amor. O cardeal Jean-Marie Lustiger, que foi arcebispo de Paris, disse que o Pe. Caffarel foi um «profeta para o nosso tempo». Sim, foi profeta pela graça de Deus. A sua vocação era a vocação do amor: e todas as circunstâncias da sua vida o levaram a falar do amor. A sua palavra ressoa ainda, e, quando o lemos, somos por ele introduzidos junto de Deus, que é amor.

Uma vez que me foi pedido o que penso do Pe. Caffarel e que disse que a sua vocação me fascinava, quero explicar-me, porque isso é importante para todos. Todos somos chamados por Deus. Nem sempre temos consciência disso. Por vezes, isso é obscurecido pelo nosso pecado, pela nossa cegueira diante do mistério de Deus. Mas, às vezes, a nossa vida ilumina-se, surge o mistério de cada um de nós, a bruma levanta-se. Lembro-me de um dia em que, na igreja do meu convento de Dijon, um irmão idoso que estava a rezar me perguntou o que é que íamos cantar no ofício. Dei-lhe o texto de uma antífona e ele respondeu-me: «Esta antífona é mesmo você!». Nunca me hei-de esquecer: sim, aquelas simples palavras de um salmo resumiam toda a minha vida... Cada um de nós tem aquelas palavras, aquelas recordações, aqueles momentos em que um homem e uma mulher se prometem um ao outro para sempre. Essas lembranças dizem tanto o mais profundo de nós mesmos como a nossa vocação e o nosso serviço neste mundo. Quando leio o Pe. Caffarel — e espero que aconteça o mesmo convosco — sou posto diante de mim próprio, diante de Deus que espera muito de mim, diante dos outros a quem devo servir. Aqui está já uma forte impressão do Pe. Caffarel: ele desperta a nossa vocação. De uma maneira ou de outra, a nossa vocação é a vocação do amor.

## **2. Fico fascinado pela vocação do Pe. Caffarel. E sou tocado também por isto: o Pe. Caffarel é um pedagogo, olhou a vida no seu desenrolar.**

Conhecem a palavra fundamental do Pe. Caffarel: «O matrimónio é um caminho de santidade». A palavra “caminho” é capital. De que se trata? Ele descobriu com os jovens casais que foram ter com ele que o sacramento do matrimónio se inscrevia em primeiro lugar na força da graça recebida no Baptismo. Aqui é dada uma força para toda a vida, como a força de um grande rio de que ninguém pode deter o curso, vida de Deus em nós que atravessa todas as dificuldades, todos os obstáculos, e que quer ir até ao fim: em Deus. No baptismo começa a vida eterna.

Nesta força do Baptismo vem implantar-se o sacramento do matrimónio. Os esposos são dados um ao outro para se ajudarem a atingir a meta: a vida em Deus. O matrimónio é o sacramento do amor mas é fonte de purificações. Há quem diga — e o Pe. Caffarel di-lo também — que é preciso “salvar” o amor. A expressão, surpreendente à primeira vista, é correcta. Vocês têm essa experiência: o amor existe entre vocês, mas há ainda um longo

trabalho para que esse amor encontre o seu lugar, o seu esplendor, a sua verdade. O Senhor Jesus é o único que ama totalmente, porque é o filho de Deus, do Deus de amor. Se o amor de Deus encarna no amor de um homem e de uma mulher, essa encarnação tem uma consequência enorme: esse amor purifica o amor humano e eleva-o progressivamente ao nível do amor de Deus. Entendemos então o que diz o Génesis: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1,27). Não se trata de uma criação feita de forma estática, como se tudo fosse dado ao homem e ele não tivesse mais nada a fazer. Não, Deus dá tudo mas há um longo trabalho para que o dom de Deus seja livremente recebido pelo casal. Assim, o amor que circula entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo encarna na circulação do amor entre o homem e a mulher.

A expressão do Pe. Caffarel — «o matrimónio é um caminho de santidade» — encontra assim a sua força e a sua verdade. A graça do matrimónio é, portanto, uma fonte contínua de purificação do amor, de embelezamento progressivo do amor; o casal constrói-se e torna-se cada vez mais imagem de Deus. O amor que se apoderou de um homem e de uma mulher nos primeiros encontros, o amor faz desabrochar tudo. Ah, como podem ser encantadores os casais idosos! Ficam sempre alguns aspectos um pouco sombrios no carácter de um e do outro... mas eles estão unidos pelo fundamento, pelo essencial: Deus que vive neles, eles que vivem em Deus.

Longo caminho nesta terra. Mas o Senhor quis que o Pe. Caffarel pudesse ir mais longe nos seus ensinamentos: umas viúvas, jovens viúvas de guerra, foram ter com ele em 1942-1943, pedindo-lhe que as ajudasse na sua viuvez como as tinha ajudado no casamento. Que continuidade?

Com aquelas jovens viúvas, o Pe. Caffarel fez muitas descobertas porque, naquela época, não se sabia nada da realidade espiritual da viuvez, como também se ignorava a realidade do sacramento do matrimónio. Falo-vos disto porque o que o Pe. Caffarel diz explicita tanto o valor da viuvez como o valor do matrimónio: há continuidade. Uma palavra do Pe. Caffarel diz tudo: «Com a morte do cônjuge, os laços sacramentais e jurídicos do casamento caem como as estruturas de uma casa... Fica o amor». A expressão «Companheiros de eternidade» ganha todo o seu esplendor. Mas o caminho de purificação que é caminho do amor continua a desenvolver-se: quantas reconciliações se fazem depois da morte! Surge então uma paz, dá-se uma outra presença, invisível, o amor torna-se expectativa... como a Igreja espera a vinda gloriosa do seu divino esposo. Então, no céu, em Deus, todo o amor conjugal encontra a sua plenitude.

Note-se que em 1943 nasceu a Fraternidade de Nossa Senhora da Ressurreição. As viúvas fazem o voto de não se voltarem a casar e de oferecerem a Deus — em comunhão com o seu marido no céu — a sua viuvez pela salvação dos casais, pela felicidade dos casais. Esta Fraternidade está presente na Europa, inclusive em Portugal, na Índia, em África.

Falo-vos de tudo isto por uma simples razão: é que a pedagogia do Pe. Caffarel conduz-nos do baptismo à permanência em Deus, ao céu. O dinamismo vem do amor de Deus recebido nos nossos corações no baptismo que desabrocha no céu.

3. E, por fim, um terceiro aspecto que o Pe. Caffarel me fez descobrir de forma concreta: **O lugar do padre**. Eu já sabia, mas tornou-se real para mim. Quando contactei pela primeira vez com a equipa responsável das ENS para França, Luxemburgo e Suíça,

quando ia ser o seu conselheiro espiritual, fiquei muito surpreendido, e essa impressão permanece em mim. Chego, sorrio, cumprimento cada um, faço o que se deve fazer quando se procura ser cortês... Todos os equipistas são também perfeitos. Sento-me à mesa de trabalho e ali recebo uma luz que nunca se apagou. Digo a mim próprio: «Sem dúvida, recebem-te bem, Paul-Dominique; acham-te simpático; mas há muito mais... É o padre que eles recebem!». Aqueles equipistas recebiam-me no meu mistério de padre, no que me é mais íntimo, no que é mais importante para mim. Ainda me sinto tocado com isso. É uma característica dos laços entre os equipistas e os seus conselheiros espirituais.

O Catecismo da Igreja Católica di-lo muito bem: há os três sacramentos da iniciação (baptismo, eucaristia e confirmação), os dois sacramentos da cura (penitência e unção dos doentes) e, por fim, os dois sacramentos ao serviço da comunhão: a ordem e o matrimónio. Padres e casais receberam a vocação do amor. Uns e outros orientam-se completamente para a salvação dos outros. Uns e outros são feitos, à sua maneira, no lugar que lhes corresponde, para dar a vida, a vida de Deus. Há entre eles uma harmonia profunda.

Todos temos a experiência desses laços com que nos regozijamos. Guardo uma boa recordação. Foi no encontro de Brasília, naquela imensa praça em que os casais fizeram o seu dever de se sentar. Estávamos lá também um padre de Nantes (França), um bispo auxiliar de Paris, Mons. Eric de Moulins-Beaufort e eu. Para nós não havia dever de se sentar. Então, sentados nos nossos bancos de cartão, rezávamos o terço em voz baixa mas um pouco audível... Eu sentia aquele laço entre padres e casais. Apoiávamo-nos mutuamente: é claro que o terço era rezado pelos casais ali à nossa volta, mas os casais também sentiam a nossa presença. O Pe. Caffarel era sensível a este nosso laço. Expressa-o na Carta. Se fosse preciso dizer mais, eu diria o laço único e profundo que tenho com os equipistas da minha equipa, mesmo quando mudaram de cidade. O trabalho em nós, pessoalmente, faz-se em profunda comunhão.

## **II. O desenrolar do processo de beatificação do Pe. Caffarel**

Tudo começa no Brasil, em Brasília. Em 2004 ou 2005, na imensa sala que alguns aqui conhecem e onde, em 2012, tomámos as nossas refeições e fizemos as reuniões de equipas mistas, tem lugar uma reunião dos equipistas brasileiros. Neste encontro estão presentes Gérard e Marie-Christine de Roberty, responsáveis internacionais das Equipas, e Mons. François Fleischmann, o conselheiro espiritual. Todos eles olham os equipistas e o cenário: fotografias do Pe. Caffarel. Os brasileiros revelam um grande afecto pelo fundador das Equipas. Se aquilo os alegra, não os atinge em profundidade. Mas alguma coisa aconteceu, e eles perceberam que não havia só um afecto pelo Pe. Caffarel, mas uma presença do Pe. Caffarel. Uma presença! Várias vezes interroguei Mons. Fleischmann, que não é pessoa de se entusiasmar excessivamente: ele trabalhou durante muito tempo no Vaticano, onde se mantém sempre uma certa circunspecção! E foi isso que, em primeiro lugar, os levou a tomar a decisão de requerer a abertura da causa do Pe. Caffarel. Com efeito, o que determina a abertura de uma causa é o pensamento do povo cristão de que alguém, neste caso, o Pe. Caffarel, está presente, com uma presença que é fonte de vida, de dinamismo. Em Brasília, o Pe. Caffarel está presente para o dinamismo dos equipistas.

Houve outra razão que decidiu os Roberty, a equipa internacional e Mons. Fleischmann. O objectivo de qualquer beatificação não é só reconhecer a santidade de alguém. O objectivo é também apostólico. Em Janeiro de 2009, em Roma, no encontro dos regionais, eu estava com os Volpini, então responsáveis internacionais das Equipas, na audiência do Papa Bento XVI. Estávamos na primeira fila. No fim da audiência, o Papa vem cumprimentar as pessoas da primeira fila. Começa por cumprimentar uns iraquianos, depois uns magníficos militares de África, até que chega a nossa vez. O Pe. Epis e os Volpini já conhecem o Papa Ratzinger: cumprimentam-se rapidamente e apresentam-me como o postulador da causa do Pe. Caffarel. Imediatamente digo: «Santo Padre, o Pe. Caffarel é “o matrimónio é um caminho de santidade”». Disseram-me mais tarde que era um bom resumo! Bento XVI pergunta-me: «Em que fase está a causa?». Eu respondo: «Santo Padre, a causa está na primeira fase, na diocese de Paris». O Papa agita o braço de cima para baixo e diz: «Mas, padre, isso é muito importante!». E eu respondo: «Sim, Santo Padre, para o matrimónio!». Fim do encontro. Fui-me embora, sentia-me “nas nuvens”, como se costuma dizer: tinha recebido, eu e todos nós, a bênção do Papa para toda aquela empresa.

Não recebemos só a bênção do Papa. O santo Padre dava-nos um objectivo. A beatificação, que é a primeira etapa antes da canonização, não é só dizer a glória do nosso fundador. A beatificação está ao serviço do povo cristão e de toda a sociedade. Se isto é esquecido, passa-se ao lado do essencial. O Pe. Caffarel e os seus ensinamentos são para nós um tesouro que não podemos guardar só para nós. Temos o dever de o dar a conhecer. Temos o encargo de dar a conhecer a todos os seus ensinamentos sobre o matrimónio, sobre a viuvez, sobre o lugar do padre, sobre a Igreja, bem como os seus magníficos ensinamentos sobre a oração e a meditação. Quando, em Roma, fui fazer uma visita de cortesia ao postulador geral da minha Ordem, os dominicanos, ele disse-me: «Paul-Dominique, tens um caminho largo e real: o Pe. Caffarel é o matrimónio! Ora, isso é muito importante para a Igreja!». Quando os alicerces do matrimónio e da família são abalados, como não dar a conhecer o Pe. Caffarel?

Agora que vos falei destes pontos essenciais, algumas palavras sobre os procedimentos. Não é necessário entrar em pormenores. Vejamos alguns pontos.

**1. A causa foi aberta pelo arcebispo de Paris** a 25 de Abril de 2006 a pedido do postulador escolhido pelas Equipas. Foi então nomeado pelo arcebispo um delegado que, em seu nome, preside à comissão de inquérito, Mons. Fréchar, arcebispo emérito de Auch. Foram também nomeados dois teólogos para se pronunciarem sobre a conformidade dos escritos do Pe. Caffarel à doutrina da Igreja católica e fazer dele um retrato espiritual, bem como três historiadores que examinam a exactidão dos relatos da vida do Pe. Caffarel. Os seus relatórios devem ser entregues ao delegado diocesano. Este trabalho está a chegar ao fim. Restam ainda alguns trabalhos a ser realizados pelos historiadores.

Durante este período, o delegado diocesano recebeu todos os testemunhos da vida e da obra do Pe. Caffarel. Houve perto de oitenta testemunhos que foram examinados, o que é muito. Estes testemunhos foram, na sua maioria, apresentados ao delegado pelo postulador.

Durante este período teve lugar o inventário de toda a documentação referente ao Pe. Caffarel: um trabalho imenso feito por Marie-Christine Genillon, a minha vice-postuladora; trabalhamos sempre em conjunto. Tivemos também a ajuda de Mons. François Fleischmann, que digitalizou milhares de páginas e que continua a ser para nós um conselheiro essencial.

Quando tudo isto acabar, o postulador e a vice-postuladora terão de reler tudo para fazer as observações pertinentes.

Finalmente, terá lugar a sessão de encerramento desta primeira fase do percurso, o fim da sessão parisiense. Por temperamento de família, sou impaciente. Mas creio que isto estará terminado antes da Páscoa.

**2. A segunda fase é a de Roma.** O dossier parte para Roma. Haverá um novo postulador que aí deve residir. Será o Pe. Angelo Paleri, italiano, postulador geral da sua ordem franciscana conventual, membro das Equipas. O actual postulador de Paris deverá redigir a «positio», isto é, escrever como que uma tese que mostre a santidade do Pe. Caffarel a partir do dossier compilado em Paris. Disseram-me que isso deve levar cinco ou seis anos... Espero não perder tempo e avançar depressa e bem.

**3. A seguir, será preciso esperar com paciência...** Estão pendentes perto de quatrocentas causas. Temos de esperar a nossa vez. Mas é possível fazer pressão de forma humilde mas com segurança: trata-se da causa eminentemente importante do matrimónio, causa essa que não pode esperar mais! Lembro-me de uma conversa, em Brasília, com um bispo de Portugal — perdoem-me se me esqueci do seu nome — que me disse: «A santidade do Pe. Caffarel está diante de nós! Estes casais que vivem o seu matrimónio!».

Esta observação é o meu argumento para pedir a sua beatificação. Recordo a primeira testemunha com quem Marie-Christine Genillon e eu nos encontramos. Um belga, que viria a morrer umas semanas depois do nosso encontro. Respirava a serenidade, a paz, a profundidade da oração. Ao deixar esse encontro, dissemos um ao outro: «Se os frutos são santos, a raiz é santa». Se aquela testemunha belga dá um testemunho de tal profundidade, como não remontar à fonte?

**4.** Será necessário **um milagre**, sinal de que o Pe. Caffarel tem realmente uma presença eficaz junto de nós. Foi feita uma oração para pedir esse milagre, oração que deve ser rezada regularmente. Actualmente, não há milagre. Sabem que um milagre é uma cura física, imediata e definitiva. Um milagre é também um sinal físico de uma realidade espiritual: quando Jesus cura um cego de nascença, é um apelo a curar dos nossos pecados, do mal que está em nós tão profundamente. Nós não temos milagre, mas muitas pessoas receberam **graças** físicas e espirituais pela intercessão do P. Caffarel. Lembro-me de uns pais que descobriram que lhes ia nascer um filho no dia em que terminava uma novena ao Pe. Caffarel que eles e a sua equipa fizeram. No Evangelho, é preciso pedir um milagre. O mesmo acontece connosco. O pedido é, de facto, o sinal da nossa fé em Deus, que pode dar-nos tudo por intermédio do seu servo. Deus age assim com todos os santos, sobretudo com a Virgem Maria, que intercede por nós.

### **III. O beato Vladimir Ghika**

Pediram-me, e é a terceira questão, que vos contasse algumas histórias sobre o desenrolar do trabalho realizado.

Poderia contar-vos muitas histórias, divertidas até. Marie-Christine e eu temos a memorável recordação de uma prima do Pe. Caffarel que nos fez rir até às lágrimas... Mas parece-me preferível contar-vos rapidamente outra coisa. O tema deste vosso encontro é “A transmissão da fé na família”. É dessa transmissão que vou falar-vos.

O jovem Henri Caffarel recebeu muito da sua família de Lyon, do seu ambiente de grande empenhamento cristão. Mas houve uma pessoa que teve sobre ele uma boa influência, foi Mons. Vladimir Ghika. Umas palavras sobre ele.

Vladimir Ghika (1873-1954) era neto do primeiro príncipe reinante da Moldávia, na Roménia. Recebeu uma educação francesa em Toulouse e em Paris. Vladimir, ortodoxo como toda a sua família, tornou-se católico. Queria ser padre, mas a mãe, que tinha aceitado que se fizesse católico, opôs-se a esse projecto e fez diligências junto do papa Pio X, que a família conhecia bem. Pio X aconselhou então Vladimir a servir a Igreja como leigo: «Você vai estar em contacto com meios com que os padres não podem contactar»... Palavra profética, porque a Acção Católica ainda não tinha nascido. Pela família, ele tinha conhecimentos em todo o lado. Veio a ser um santo da caridade, o S. Vicente de Paulo da Roménia. Criou os primeiros dispensários gratuitos da Roménia. Após a morte da mãe, com o encorajamento do Papa Pio XI, fez-se padre, aos 51 anos. Foi ordenado, a 7 de Outubro de 1923, na capela dos lazaristas em que se encontram as relíquias de S. Vicente de Paulo. Tornou-se padre da diocese de Paris. Padre, foi também o santo da caridade, vivendo entre os pobres dos subúrbios de Paris. Durante a segunda guerra mundial, com o acordo do arcebispo de Paris, fica em Bucareste para viver a provação da guerra com o seu povo. Depois da saída dos nazis, foi a vinda do comunismo. Foi detido e morreu mártir em 1954. Acaba de ser beatificado como mártir a 31 de Agosto último.

Falo-vos dele porque Mons. Vladimir Ghika tinha a ideia de fundar uma família religiosa, “Os irmãos de S. João”, onde haveria pessoas de todas as proveniências mas também mulheres e homens consagrados. Era no Leste de França, em Auberive, perto de Langres. Ele queria também receber rapazes que pensassem em se entregar ao Senhor... Um dos meus irmãos dominicanos, o Pe. Pie Régamey, foi desses rapazes que se confiaram a ele. Houve também o jovem Henri Caffarel. «O Pe. Caffarel falava de bom grado dessa estada junto do Pe. Ghika. Recordava os longos passeios feitos com ele pelos campos dos arredores, o charme da vasta cultura e da conversação brilhante do seu interlocutor. Sempre teve por ele a maior veneração e um afecto filial» (Jean Allemand, *Henri Caffarel, um homem cativado por Deus*, Lucerna, p. 22). Mons. Ghika falava-lhe também do matrimónio... como uma vocação de santidade: «Os cristãos casados são, tal como os outros, chamados e obrigados à perfeição». E Mons. Ghika acrescentava: «O sacramento do matrimónio é, para isso, fonte superabundante de graça» (*ibid.*, p. 22). Quando Vladimir redige uma regra para a sua família religiosa, escreve: «Entra-se nela por Deus, fica-se nela por Deus». O Pe. Caffarel nunca deixou de repetir esta palavra aos membros das Equipas de Nossa Senhora.

Temos, pois, aqui uma filiação. Toda uma parte da santidade do Pe. Caffarel encontra a sua fonte na santidade de Mons. Vladimir Ghika. É natural que o pai seja beatificado antes do filho...